

## A Dança no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Luis Xarez\*  
Maria J. Alves\*  
Solange Antunes\*  
Isabel Cruz\*

### *Introdução*

O desenvolvimento da Dança em Portugal está dependente, em grande medida, da sua clara e necessariamente rápida integração no Sistema Educativo.

A integração da Dança no Sistema Educativo Português tem carecido, como em outros países ou outras disciplinas, de propostas claras, concretas e coerentes. Coerência interna, assumida no seio da própria actividade, numa lógica de interacção entre as diferentes dimensões da Dança e nomeadamente entre a sua dimensão artística e a sua dimensão educativa. Coerência externa, na relação da Dança com as outras actividades, quer lhe sejam afins ou não.

Na sequência da Lei de Bases do Sistema Educativo — Lei n.º 46/86, surge a 2 de Novembro de 1990, o Decreto Lei n.º 344 que regulamenta a Educação Artística em geral e a Dança em particular. Apesar desse enquadramento legal, ansiosamente esperado pelos principais agentes das actividades artísticas, subsistem incoerências nesses documentos, e sobretudo revela-se a ausência de um «fio condutor» capaz de perspetivar o desenvolvimento da Dança, fazendo face nomeadamente aos desafios de um futuro próximo.

Essa incoerência legislativa prende-se, no nosso entender, principalmente com um conjunto de concepções que designamos por «ideias normalizadas» e que têm contribuído para o estado de confusão reinante, constituindo obstáculos ao livre e correcto desenvolvimento da Dança.

---

\* Faculdade de Motricidade Humana (UTL).  
Boletim SPEF, n.º 5/6 Verão/Outono de 1992, pp. 97-106.

Simultaneamente com a discussão dessas «ideias normalizadas» apresentamos a nossa concepção da Dança, através da sua caracterização como actividade humana complexa e polivalente, identificando as suas principais dimensões.

Seguidamente são analisadas as três principais correntes de iniciação à actividade: a aproximação pelas Formas, a aproximação pela Expressão e a aproximação pelas Acções. Discutem-se vantagens, inconvenientes e as possibilidades de interacção dessas abordagens, tendo em conta a iniciação à Dança no 1.º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito do Ensino Genérico da Dança e das suas relações com o Ensino Vocacional.

## 1. As «ideias normalizadas»

Uma das razões que tem impedido a livre discussão dos assuntos da Dança assenta num conjunto de preconceitos, standardizados e estereotipados que «se normalizaram» ganhando peso de lei e assumindo as características dos dogmas.

Detectámos, identificámos e tentaremos caracterizar de seguida, três desses questões:

- a Dança é uma arte;
- a Dança é expressão, criatividade, sensibilidade estética;
- a Dança é diferente das outras actividades corporais.

### 1.1. A Dança é uma Arte?

Esta ideia está tão generalizada que é difícil encontrar uma definição, das muitas que se produziram ao longo dos séculos, que não comece assim: a Dança é uma arte...

Do nosso ponto de vista, esta é uma generalização perigosa, porque uma análise mesmo superficial do fenómeno nos mostra que nem toda a Dança é Arte, e a maior parte das suas manifestações dificilmente poderá adquirir um estatuto artístico.

Antes de ser Arte, a dança é uma actividade humana universal que, em paralelo com muitas outras actividades humanas, possui uma dimensão artística que a identifica, mas não se pode sobrepor essa valência às outras dimensões, desvalorizando-as, sob o risco de se tomar uma parte, significativa sem dúvida, pelo todo da Dança, e recusar todas as manifestações deste fenómeno que não podem ser classificadas de artísticas. A preservação das formas de Dança na sociedade está estreitamente dependente da sua transmissão às gerações vindouras, e a qualidade desse ensino coloca a Dança cada vez mais nas mãos de agentes educativos qualificados. Antes de se cruzarem, as dimensões

artística e educativa devem ser respeitadas mutuamente e entendidas como entidades separadas e independentes. A Dança só poderá ser encarada como Arte se cumprir os princípios e as regras que orientam as actividades artísticas, materializando-se em obras coreográficas, autores, meios de produção, público, etc.

Na mesma linha de pensamento, a dimensão educativa está presente na Dança sempre que nesta se respeitam os princípios e as características das acções educativas, ou seja, serem finalizadas, conscientes, organizadas, orientadas para a realização humana e mais preocupada com a autonomia e a plenitude do ser humano, para a qual utiliza actividades, do que com um saber-fazer específico ou uma actividade particular.

Para uma melhor compreensão da nossa concepção, expomos no Quadro 1, as principais dimensões da Dança.

<p style="text-align: center;">ARTE</p> <p style="text-align: center;">Dança como um fim Alto Nível Técnico/Profissional Formação de Bailarinos Professor/Treinador População seleccionada Teatros/Espaços Cénicos Companhia de Dança</p>	<p style="text-align: center;">LAZER</p> <p style="text-align: center;">Dança como um meio Ocupação de tempos livres Bem Estar Manutenção Física Professor/Animador População Geral Clubes/Autarquias/Associações</p>
<p style="text-align: center;">EDUCAÇÃO</p> <p style="text-align: center;">Dança como um meio Formar conforme objectivos educacionais Formação de professores Professor/Educador Escolas</p>	<p style="text-align: center;">TERAPIA</p> <p style="text-align: center;">Dança como um meio Reorganização Psicomotora Reeducação Psicossomática Professor/Terapeuta População Especial Instituições de Ensino especial</p>

## 1.2. A Dança é Expressão, Criatividade, Sensibilidade Estética?

Esta ideia vem expressa nos vários documentos legais e serve de argumento para a introdução ou selecção da Dança nos *curricula*. Contém, como a anterior, alguns perigos que importa escapelizar.

Em primeiro lugar a expressão de ideias, emoções, atitudes ou sentimentos é comum a todas as artes: Pintura, Música, Escultura, Poesia, etc., não lhe sendo exclusiva nem a absorvendo completamente, pois conhecem-se, identificam-se formas de Dança mais áridas, mais técnicas,

onde a expressão ou é praticamente inexistente ou pouco significativa. Poderíamos mesmo afirmar que qualquer ser humano expressa emoções, pode ser criativo e ter sensibilidade estética, sem recorrer à Dança ou a qualquer outra actividade artística, e obviamente sempre que isso acontece não estamos nem na presença de um artista nem perante uma manifestação artística.

Em segundo lugar a expressão, inerente a um discurso artístico, resultado de um processo de apropriação estética do real, pressupõe os meios, ou seja, o domínio de técnicas específicas, a utilização de vocabulários próprios e até de modos de transmissão particulares.

A Dança resulta portanto desse confronto entre as técnicas corporais e o repertório motor por um lado e a expressão de ideias, sentimentos, atitudes e emoções por outro lado.

Mas tal como a Expressão, a Criatividade e a Sensibilidade Estética não são património exclusivo da Dança, nem surgem do vazio, por geração espontânea ou por qualquer passo de mágica. Necessitam de um ambiente estimulador, de experiências conduzidas, normalmente por solução de problemas ou descoberta guiada, e acima de tudo de boas ideias e do domínio dos meios adequados à sua expressão.

Nessa trajectória de exploração de elementos já existentes, e na sua reorganização em arranjos estruturais e funcionais diferentes, surgem naturalmente as composições que se podem designar por originais ou serem identificadas como manifestações de uma sensibilidade estética.

Estamos parcialmente de acordo com os que defendem que a expressão e a criatividade não se ensinam, pelo menos directamente, no sentido em que o seu aparecimento deve ser estimulado através dos elementos concretos, técnicas num sentido lato, devendo ser organizados nos momentos certos, exercícios de composição que permitam o surgimento e estruturação desses elementos de modo criativo, exploratório, revelador de sensibilidades.

Numa analogia que julgamos interessante, observemos o que se passa no ensino da linguagem escrita. Parece-nos ser consensual que se deve começar pelo acesso a elementos estruturantes: palavras, sílabas, letras, etc., antes de surgirem os exercícios de composição, geradores a longo prazo de discursos personalizados, que possam ser considerados literatura. Não nos parece que se comece ao contrário, nem acreditamos que a escola, mesmo a do futuro, tenha por finalidade a formação de poetas, escritores, coreógrafos ou pintores.

Nessa linha de pensamento, parece-nos errado encarar a expressão, a criatividade ou a sensibilidade como pontos de partida para o ensino das actividades. Devemos antes defender a introdução dos elementos básicos, estimular a sua variedade e as suas múltiplas combinações. Seguramente, a exploração deste caminho despoletará sensibilidades, expressividade e conduzirá a trabalhos onde a criatividade surgirá naturalmente.

### 1.3. A Dança é diferente das outras Actividades Corporais?

Esta é uma ideia que encontramos com frequência sempre que se trata de aplicar alguns dos conhecimentos básicos das ciências da motricidade a situações motoras específicas da Dança.

Mais do que encontrar as diferenças parece-nos mais interessante conhecermos, identificarmos, aquilo que a Dança tem de comum com as outras actividades predominantemente motoras. No Quadro 2, apresentamos as principais semelhanças e as principais diferenças entre a Dança e o Desporto.

#### DANÇA DESPORTO

=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=	=
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

- Polivalência:  
Dimensões Artística, Educativa, Terapêutica, Lúdica
- Corpo Humano:  
Técnicas Corporais Específicas
- Poliformia:  
Multivariabilidade de Formas

#### DESPORTO

#### DANÇA

≠	≠	≠	≠	≠	≠	≠	≠	≠	≠	≠	≠	≠	≠	≠	≠
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

- |   |   |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Regras</li> <li>• Estratégia</li> <li>• Incerteza Resultado</li> <li>• Competição/Sorte</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão Sentimentos, Ideias, Emoções, etc.</li> <li>• Comunicação/Público</li> <li>• Skills Valência Própria</li> <li>• Vertigem/Mímica</li> </ul> |
|---|---|

Pela leitura do quadro compreende-se que existem diferenças essenciais, estruturais, quer de um ponto de vista psicológico quer sociológico, entre a Dança e o Desporto. Por isso só o abuso de linguagem pode considerar a Dança como mais uma forma desportiva, ou apelar de bailados certas configurações desportivas.

Reconhecidas as diferenças importa que nos centremos naquilo que é comum a estas duas actividades. São ambas actividades que partem do corpo e do movimento, pelo que as consideramos predominantemente motoras. Este ponto de vista, aparentemente simplista, permite-nos resolver alguns problemas de natureza conceptual, nomeadamente

o da localização da Dança num contexto científico e da base de conhecimentos que a deve suportar.

Por ser predominantemente motora, a Dança deve assumir e respeitar a matriz teórica da Motricidade Humana, e os mecanismos explicativos do comportamento motor. As áreas básicas da Motricidade fornecem-nos instrumentos de análise seguros para a compreensão do fenómeno da Dança, senão na sua totalidade, pelo menos numa parte substancial.

A resistência a esta evidência com argumentos de que estas análises são reducionistas ou mecanicistas deve ser discutida e ultrapassada, porque tem sido inibidora do desenvolvimento da Dança, particularmente na sua dimensão educativa.

Porque não se pode combater um reducionismo (mecanicista) com outro reducionismo (artístico). Primeiro porque nos parece claro, por exemplo, que a aplicação da Biomecânica à Dança não tem a pretensão de explicar a sua dimensão artística, com a vantagem de contribuir para uma melhoria das *performances* ou de contribuir para a diminuição de ocorrência de lesões.

Em segundo lugar, porque partir do Artístico para explicar as estruturas de suporte, e nomeadamente o corpo e o movimento, pode ser um exercício interessante, mas condenado ou ao fracasso ou à poesia.

Em terceiro lugar, é evidente que a Dança e o seu desenvolvimento necessitam de um edifício teórico sólido que possa ser constantemente dinamizado pela investigação, e que obviamente não se reduzirá apenas às ciências de pendor biológico, mas que se alargará a outros «andares», como a Antropologia e a Sociologia, para dar alguns exemplos.

## 2. A Dança no 1.º ciclo do Ensino Básico

Colocar a questão da Dança no 1.º ciclo do Ensino Básico é questionar a própria introdução da dança nas escolas, é compreender como ela se articula ou se deve articular nos diferentes níveis de ensino e entre as suas dimensões educativa e artística, designadas nos documentos legais por Ensino Genérico e Ensino Vocacional.

A nossa proposta situa-se claramente na Dimensão Educativa/Ensino Genérico da Dança e pressupõe um conjunto de opções e de condicionalismos que passam pelos intervenientes e pelas circunstâncias presentes neste nível de ensino:

- A característica globalizante do ensino no 1.º Ciclo do Ensino Básico, materializada na responsabilidade de um único professor para todas as matérias educativas.
- A população-alvo, as crianças dos 6 aos 10 anos, cuja caracterização, nomeadamente do ponto de vista do desenvolvimento

motor, deve ser tomada em consideração. Destaque-se, por exemplo, a noção de «período crítico» para o desenvolvimento das capacidades coordenativas e a estreita relação entre estas e as diferentes formas de Dança.

- A participação directa do poder autárquico na responsabilidade da administração escolar deste nível de ensino, abrindo perspectivas de ligação ao meio e de enquadramento cultural da Dança, possibilitadora de estruturar níveis de associação e de organização, potencializadores do desenvolvimento da Dança em quadros estruturais e funcionais adequados.

Envolvendo estas especificidades subsistem algumas questões de fundo, relacionadas com o desenvolvimento curricular e com a selecção de actividades em particular, que se podem materializar na seguinte pergunta:

- Qual é a parte da Dança que deverá ser escolhida para ser leccionada no curriculum geral, ou seja, quais são os conteúdos da Dança que deverão contribuir para uma formação geral, para todos, especialmente para aqueles que não vão ser, à partida, especialistas em Dança?

O equacionar deste problema pressupõe a existência de algo que é próprio a esta actividade, impossível de encontrar em qualquer outra, o que torna imperativo e justifica transmitir a todas as gerações, através da sua integração no curriculum geral, independentemente de modas ou conjunturas.

### 3. *A iniciação da actividade*

A Dança no 1.º Ciclo do Ensino Básico coloca o problema da iniciação à actividade. Identificamos três correntes ou tipos de abordagem diferenciadas, adiante designadas por:

- A aproximação pelas Formas;
- A aproximação pela Expressão;
- A aproximação pelas Acções.

#### 3.1. *A aproximação pelas Formas*

A Dança traduz-se normalmente por diferentes Formas ou Actividades, identificadas na sociedade como sistemas mais ou menos fechados, em que se distingue uma estrutura — elementos técnicos, gestos típicos,

passos padronizados — materializada em obras coreográficas, inventariada em reportórios próprios, e com uma função temporal e social determinadas que influenciam e são influenciados por inúmeros factores.

A classificação das Formas de Dança motivou diversos autores mas as sistematizações existentes são ainda bastante inconsistentes. Para que se compreenda melhor o conceito de Forma de Dança, vamos exemplificar com o sistema de Dança Clássica, um dos mais conhecidos e porventura o mais elaborado.

A Dança Clássica funciona como um sistema, com uma origem, uma filosofia, técnicas e reportório definidos. As componentes técnicas identificáveis foram estruturadas a partir, essencialmente, de três elementos:

- As «Posições dos Pés», pontos de partida e de chegada de todos os movimentos.
- O «En Dehors», caracterizado pela constante e máxima rotação externa dos membros inferiores, ao nível da articulação coxo-femural.
- A «Elevação», concretizada num porte nobre e na constante direcção dos movimentos «vers le ciel».

A partir destes elementos estruturantes e por intermédio do método da estilização, foram-se transformando movimentos naturais ou oriundos das danças da Corte, criando-se um vasto vocabulário e dando origem a um complexo sistema, exemplo claro do que se entende por Forma de Dança.

Por ter um vocabulário rigoroso, extenso e regras bem definidas, muitos são os agentes da Dança, a propôr a Dança Clássica como base da iniciação à Dança. A proliferação de «Escolas de Ballet» onde as crianças com 4 anos de idade se iniciam na actividade de dançar, tem ajudado a justificar aquele argumento que se resume em acreditar que existe uma Forma melhor que as outras e que essa Forma é a Dança Clássica.

Os inconvenientes da iniciação pelas Formas de Dança, sejam quais forem, prendem-se com os motivos expostos em 1.2., quando focámos o paralelo com a literatura e a aprendizagem da escrita de uma língua. Outros exemplos poderão ser encontrados, quer nas actividades desportivas quer nas actividades artísticas.

### 3.2. *A aproximação pela Expressão*

Como referimos anteriormente, a Expressão é apenas um dos eixos da contradição de que resulta o que se convencionou designar por Dança. Contudo, e por oposição ao tecnicismo, geram-se ciclicamente



movimentos tendentes a equilibrar essa omnipresença da técnica, realçando os aspectos expressivos presentes na Dança. Muitas vezes, ou sempre que se relega a técnica para um plano secundário, o prato da balança tende a cair para outro excesso, designado por expressio-nismo.

Foi assim, no movimento educativo conhecido por Expressão Corporal, com grande incremento a partir dos acontecimentos sociais conhecidos por Maio de 68, que se revoltava contra o Tecnicismo Corporal, nomeadamente Desportivo que imperava na Educação Física.

Mas foi também através desse movimento que a Dança se viria, embora timidamente, a introduzir nas Escolas Francesas e por extensão influenciar alguns países europeus, entre os quais Portugal. Esse movimento é hoje absorvido pela Expressão Dramática ou por algumas correntes da Dançoterapia ou da motricidade com fins terapêuticos, após algumas tentativas fracassadas de encontrar «Técnicas de Expressão Corporal».

Entre a Técnica e a Expressão importa encontrar a adequada medida, para que entre a Técnica-Meio e a Expressão-Finalidade se encontre o peso certo, para resolver em Dança o problema colocado por esta permanente contradição.

Os inconvenientes derivados por uma iniciação pela Expressão prendem-se com a eficácia do processo ensino-aprendizagem e com a escolha do ponto de partida. Parece-nos mais adequado partir da aquisição dos elementos estruturantes, técnicos no sentido mais lato do termo, de modo a criar os meios para a livre expressão de ideias, sentimentos ou emoções.

### 3.3. *A aproximação pelas Acções*

A iniciação pelas Acções parte do movimento e da sua exploração e envolvimento como principal substracto da actividade de Dançar.

Englobando as correntes anglo-saxónicas, desenvolvidas a partir dos trabalhos de Laban, é também designada vulgarmente por Dança Educativa. A Dança, seja qual for a forma escolhida, materializa-se em Acções observáveis (saltar, deslizar, rodar, etc.) normalmente unificadas em Frases de Movimento, devidamente estruturadas espacial e temporalmente.

É através dessas Acções que as danças se transmitem, seja ao nível de prática mais elevado, próprio de uma dimensão artística, seja ao nível mais elementar, adaptado a uma dimensão educativa e envolvendo a noção de Ensino Genérico.

Identificadas as principais Acções, comuns a todas as Formas de Dança, parece-nos constituido o «esqueleto» dos conteúdos a transmitir no 1.º Ciclo do Ensino Básico, fundamentais não apenas para o Ensino

Genérico, mas elementos de uma base sólida e alargada para quem mais tarde vier a enveredar pelo Ensino Vocacional.

Com a formação adequada, o professor deste nível de ensino, poderá também ele assumir e conduzir esta actividade, tornando possível a implementação da Dança nas Escolas, permitindo que toda a população escolar tenha acesso a uma actividade única e de reconhecido valor educativo. Um sonho e um direito que tardam em concretizar-se.